

**PÓS-REENCONTRO DO IPU – 2005**  
**Júlio Tôrres e Tatais – via Internet**

01 — Tatais – 19/01/2005

Home do céu, foi bacano  
o relaxo qui fizemo,  
no fim, inda recuiemo,  
cuma era nosso prano.  
Era bom, se não me engano,  
recuier cem mil cruzêro  
ou no nome do dinhêro  
qui tem ôta chamação.  
Ajudano o Timbozão,  
fumo ao meno pionêro!

02 — Júlio Tôrres – 19/01/2005

Fumo mermo pionêro,  
Ajudano o Timbozão!  
Mais nun foi só nisso, não,  
Pur Internet, os primêro  
A fazê u´a cantoria.  
Era de noite e de dia,  
Mensaje prá lá e prá cá,  
As viola era os teclado,  
A tela o céu istrelado  
Qui fazia nós cantá.

03 — Tatais – 19/01/2005

Ramo pois se prepará,  
cuma pôca gente fez,  
pro modi o dois mil e seis  
vim mió prá nós cantá.  
Cumecemo derna já  
cunvidá quem nunca vem,  
diz qui agora vai ter trem,  
se for mermo é u'a beleza,  
junto o povo em Fortaleza,  
cabe uns cem só num contém.

04 — Júlio Tôrres – 20/01/2005

Óia, só nun foi mais bão  
Pru qui tu nun tava lá,  
Iscoterin e Alencá  
Mais o Gonçal do Dão  
Tocaró inté dizê chega,  
E os cabôco mais as nêga  
Dançava no mêi da praça,  
Mais pur mais qui se dançasse,  
Nun tinha quem separasse  
O Vêi Milto e sua cachaça.

05 — Tatais – 20/01/2005

Parece inté qui tô veno  
Vêi Mirto tomano cana,  
quem recrama ele se dana  
qui fica só mais ou meno.  
Isquitei qui andô chaveno  
se foi mermo é que é danado,  
o povão imbriagado.  
qui vai prantá, qui tem chuva,  
derna que o vento faz cruva  
só se vê é chão muiado.

06 — Júlio Tôrres – 20/01/2005

Chuveu, mais foi bem finin,  
Nun deu nem prá se moiá,  
Foi só mode arrefrescá,  
Qui tava munto quentim.  
Chuveu foi munta alegria,  
O povo quaij nun saía,  
Ficaró inté de manhã,  
Bem dispois qui o sol nasceu.  
Parecia o povo hebreu  
Na chegada a Canaã.

07 — Tatais – 21/01/2005

Qui finim coisa nenhuma!  
Chuveu grau quarenta e seis.  
Neste número uma vez  
ganhei já nem sei mais cuma.  
Quonde a nuvem disarruma,  
midição sempre é parpите,  
imbora nun se acredite,  
é bom sempre fazê fé,  
mas pé frio nun é pé,  
mata mais que apendicite.

08 — Júlio Tôrres – 21/01/2005

Matou-se foi a saudade  
Qui se tinha do Ipu,  
Mermo moiado, um angu,  
Neguín dançou à vontade.  
Da praça fôrum prá Bica,  
Pois parado ninguém fica  
Na Festa do Reincronto.  
Iscoterin e Alencá  
Subirum para tocá,  
Tocaró inté dizê pronto!

09 — Tatais – 23/01/2005

E vamu agravá uzôto,  
quem se meter leva pau,  
nun adianta ser mau,  
dar peido, espirro e arrôto,  
leva véi, rapaz, garoto,  
leva donzela e muié,  
pade, frade, coroinha,  
alcovitêro e engraxate,  
quonde eu parar você bate,  
tu parando a vez é minha.

10 — Júlio Tôrres – 24/01/2005

Eu parando, a vez é tua,  
Ninguém pára de batê,  
Se algum besta se metê  
Cum a gente, nós senta a pua...  
Assim era no passado,  
Mais agora tá mudado,  
O povo agora quer paz.  
Vamu ajudá à prefeita  
A fazê a coisa bem feita...  
Se ela nun fizé, nós faz.

11 — Tatais – 24/01/2005

Tá direito, meu parente,  
cala a boca e eu tombém calo,  
se tu fala, eu tombém falo,  
e se não, eu trinco os dente,  
Ninguém é de antigamente,  
sumo jovem a bem dizê,  
nem setenta eu vou fazê,  
mas a guerra nun resolve,  
vou pular os meia nove,  
em novembro é que vou vê.

12 — Júlio Tôrres – 24/01/2005

Essa histora de meia nove  
É mió tu isplícá.  
Tu diche qui vai pulá?  
Tu tá ruim do revove?  
Ou nun sabe mais fazê?  
Ói, qui o povo vai dizê  
Qui tu tá ficando brocha...  
Qui tu tá negano fôgo...  
Qui nun agüenta mais o jôgo  
Das cadêra das cabrocha.

13 — Tatais – 25/01/2005

Vou pular o meia nove  
causo de superstição,  
mas pinoto feito um cão,  
ranco mais qui um artomove,  
fumaço feito um revolve,  
solto fôgo igual vulcão,  
namoro igual garanhão,  
esperneio feito um burro,  
rincho, coiceio e dou murro,  
quem se meter, cai no chão.

14 — Júlio Tôrres – 26/01/2005

Quem se meter, cai no chão...  
Tu é valente rapaz!  
Coisa dessas nun se faz  
Cum minina nun colchão...  
Eu faço bem diferente,  
Acaricio calmamente  
Dos pés até os cabelo,  
Em todo quanto é lugá,  
Eu discubro o que qui há,  
Só Deus sabe o dismantêlo.

15 — Tatais – 27/01/2005

Nunca vi tua valentia  
nem teu jeitão pá muié.  
Tu nun sabe nem qualé  
o jeito qui o gato mia...  
No Frade tu nem sabia  
chamá prá dançá mais ela,  
ficava só na ispia,  
isperando qui vinhesse,  
dizendo: - Tu dá ou desce  
vamu dançá, cutruvia!

16 — Júlio Tôrres – 28/01/2005

Em Canto Alegre eu nasci,  
Aos sete fui prá Fulô,  
Cresci nos mato, dotô,  
Mais nunca me arrependi.  
O Frade é o Irajá,  
Fica um pôco mais pra lá,  
Logo dispois do Tatu.  
Dancei com muita menina...  
A luz era a lamparina...  
Bem diferente do Ipu.

17 — Tatais – 30/01/2005

Home, dexe de mintira!  
Tu lá nasceu no Tatu!  
Tu nasceu foi no Ipu,  
numa rede de imbira,  
imbruiaru numa tira,  
tão mago tu vêi a furo,  
jogaru tu num munturo,  
nun vô dizê quê cidade...  
Eu truve tu lá pro Frade,  
joguei por riba dum muro.

18 — Júlio Tôrres – 30/01/2005

Eu nun nasci no Tatu,  
Sô fiio do Chagas Tôrres.  
Do Canto Alegre prá Flôres...  
Os dois ficam no Ipu  
Qui nunca deixei de amá,  
Aos doze fui prá Tianguá,  
E depois prá Ipuarana,  
Qui tem o Ipu no nome.  
Terra boa nunca some...  
Ipu é mesmo bacana!

19 — Tatais – 31/01/2005

Nun fuja do nosso tema,  
nun importa Ipuarana,  
onde tu só foi bacana,  
modi a terra da Iracema.  
Sô ipuenço da gema,  
tu é mêi do Pisferreiro,  
impanbado e beradêro,  
inda bem primo do Rato,  
apragata é teu sapato,  
bêra de rii, teu banhêro.

20 — Júlio Tôrres – 31/01/2005

Bêra de rii, meu banhêro...  
E era o Rii Jatobá...  
Munto bom prá se banhá,  
Era bem no meu terrêro...  
Rato era o apelido  
Do nosso frade querido,  
Frei Aquino, meu parente,  
Cuma tu tombém é, home,  
Teu avô tinha meu nome...  
Nois nun é tão diferente...

21 — Tatais – 31/01/2005

Cuma nun sei, dêssêbêsta!  
Sei demais, com munto orgúi!  
Vocês dois são dois Zejúi  
e, além disso, tem mais esta,  
que sabedô sempre fui,  
satisfação toda minha:  
minha vó é Dona Luizinha,  
xará da tua mãe. Por fim,  
teu pai, que é pai do Torrim,  
cumpade é do seu Caninha.

22 — Júlio Tôrres – 01/02/2005

Nossa ligação é rica,  
Eu Zejúi e tu Tatai,  
Quando um fica e ôtro sai,  
Quando um sai o ôtro fica.  
Côro de rima de bica,  
Inté paricemo nós...  
Eu, tu, os pais, avós,  
Farinha do mesmo saco,  
Bichos do mesmo buraco,  
Nóis somos todos Mocós.

23 — Tatais – 02/02/2005

Tu té pode sê Mocó,  
mais eu sô bem mais da gema,  
eu sô primo da Aracema,  
cum ela tive um xodó,  
eu sô tii da minha avó,  
afilhado dos padrim,  
fui marido e ascendente,  
bisavô e adolescente,  
sô avô de trás prá frente,  
pai e mãe inté de mim.

24 — Júlio Tôrres – 03/02/2005

Apelaste prá Genética  
Misturada aos Fractais:  
Não só o filho vem dos pais,  
Conforme a Autopoiética  
De Maturana e Varela,  
A vida é mesmo bela,  
Pois os pais estão no filho,  
Conforme o DNA.  
Pouca diferença há  
De nós prá espiga de milho.

25 — Tatais – 04/02/2005

Trapaiêi-se c'a poética  
das ispiga pulo mêi,  
eu agora já nem sei  
se inda vô pro Crub Atrética,  
se a famía é anarfabética,  
nem Ferrão nem Fortaleza,  
Croduardo, qui é beleza,  
foi prá fora inda isturdia  
só praque diche qui bibia,  
já virô foi marvadeza.

26 — Júlio Tôrres – 04/02/2005

Croduardo é conterranho,  
É tombém lá do Ipu,  
Parece inté um guabiru,  
Baxim, daquele tamanho,  
Correndo atrás da bola.  
Quando ele disinrola,  
E franze o côro da testa,  
Vira os ói e trinca os dente,  
Do mêi do campo prá frente,  
Joga qui só a mulesta.

27 — Tatais – 04/02/2005

É... mas porém só véve bebo,  
desacata a otoridade,  
mal chega numa cidade,  
vai logo fazeno sebo,  
eu, gente assim, nun recebo,  
taco logo o pé na bunda,  
seje dumingo ô sigunda,  
nun quero vê ribuliço,  
Croduardo, dêxe disso,  
leve o Leão na carcunda!

28 — Júlio Tôrres – 11/02/2005

Dei uma pausa na poesia  
Por causa do Carnavá,  
Fui prá praia discansá  
E pegar uma maresia.  
Nun discansei muito não.  
Tava uma esculhambação  
No Presídio, a praia minha...  
Três trio, muita zuada,  
Briga na rua, garrafada...  
E nem mictório tinha.

29 — Tatais – 11/02/2005

Prá que tu qué miquitóro?  
Faz teu sirvisso no chão,  
cai na isculhambação,  
deixa esse teu relambóro.  
Prá mim buteco é oratóro  
e caio bêbo na rua,  
facilitou, sento a pua,  
dexo a muié chiquerada,  
pr' ela cumê nun dô nada,  
faz isso tombém c'a tua.

30 — Júlio Tôrres – 13/02/2005

Sei qui tu diz, mais nun faz,  
Pois tu é barriga branca,  
Tua muié é qui te tranca...  
Nun é mesmo, seu Tatais?  
Pur qui ontem tu faltou?  
Foi ela qui nun deixou  
Tu ir prá reunião  
Da AFAI, no Aquaville?  
Foi aquela maravilhe...  
Só faltou tu, seu bobão.

31 — Tatais – 14/02/2005

Cum dez mulhé nun navio,  
fora as que foi de avião,  
falando inglês e alemão,  
salamaleque e algarvio,  
passei por São Paulo e Rio,  
bebi cachaça com o Papa,  
cum Bush eu troquei uns tapa,  
tropa formada em desfile,  
inté me esquici do mapa  
desta merda de Aquavile.

32 — Júlio Tôrres – 14/02/2005

Pois meu navio tava cheio,  
E as muié, tudo avião,  
Mais fui prá reunião,  
Até a Ivete veio  
Direto de Salvadó,  
Fui seu galo, ela gostô,  
Peguei ela, fui pro Chile,  
Demo uma surra em Pinochê,  
E às 10, prá você vê,  
Nóis tava no Aquaville.

33 — Tatais – 15/02/2005

Nun sei cuma butá fé  
nas cunversa de buneca,  
dessas qui se dismunheca,  
vira os ói iguá muié.  
Nun sei mermo cuma é  
qui, quem corta iguá gilete,  
pode andar c'uma vedete  
pulas banda da Bahia.  
Eu é qui quando queria  
tinha, às penca, essas Ivete.

34 — Júlio Tôrres – 17/02/2005

Tinha, às penca, essas Ivete,  
Isso, quando tu queria...  
Mais, porém, tu hoje em dia,  
Tá pior do qui gilete,  
Nun qué sabê de muié.  
Nun dá mais prá butá fé  
Nessa buneca sofrida...  
Pro Reencontro nun vai,  
Nem prá reunião da AFAI...  
Qui tais fazendo na vida?

35 — Tatais – 19/02/2005

Lá nun fui, tava ocurpado,  
dez muié nos meu regêto,  
já na oito foi espeto,  
na nove ficô danado,  
trabaiêi com mais coidado,  
fui pur riba e fui pur baxo,  
balancei a melancia  
cuma quem derruba um cacho,  
a dez dixé – ô caba maxo!  
Se tu fosse eu, tu ia?

36 — Júlio Tôrres – 21/02/2005

Se fôsse eu, tombém nun ia,  
Dava uma de cabra maxo,  
Derrubava todo o caxo,  
Descascava a melancia,  
Até as semente eu cumia...  
Sendo assim tá isplicado,  
Você está disculpado,  
Mais, no próximo evento,  
Queremos você no centro,  
Desde já, tá combinado.

37 — Tatais – 15/02/2005

Tu acha que eu ando à toa,  
me incontrano cum vocês,  
só vô uma ou ôta vez,  
e quonde tô numa boa  
pode doer em quem doa,  
nun dô bola a todo mundo,  
tenho desgosto profundo  
de rebaixá minha image,  
nun tulero fulerage  
deste povo sujismundo.

38 — Júlio Tôrres – 23/02/2005

Tu é qui é sujismundo,  
Seu Mocó de fulerage,  
Vai, pá limpá tua image,  
Tu dá desgosto profundo  
Prá nós e prá todo mundo,  
Nun indo às reunião.  
Dêxa de enrolação,  
Vem trabaiá cum vontade,  
Qui o Ipu é a cidade  
Mais linda da Região.

39 — Tatais – 25/02/2005

Quonde tu fala em cidade  
se some o que quis dizê  
pur modi nun é você  
qui tem esta intimidade,  
tu é das banda do Frade,  
da beira do Acaraú,  
caboquim mermo do Ipu,  
do Beco do Caburé,  
seu Tatais é quem qui é.  
um beradêro é qui é tu.

40 — Júlio Tôrres – 28/02/2005

Tu qui tem intimidade,  
Cumeça a butá prá fora  
Um poquinho da historia  
Da nossa bela cidade.  
Tu tombém tem mais idade,  
Já viveu mais do qui eu,  
Munta coisa tu já leu...  
Vamu contá no repente  
A historia de munta gente  
Qui no nosso Ipu viveu.

41 — Tatais – 01/03/2005

Eu nasci foi trasantonte,  
tu nasceu de madrugada,  
um pro ôto é quaje nada,  
quarquê um salembre e conte,  
mas ajunto logo um monte  
destes povo qui viveu,  
dum Ipu qui se perdeu.  
tu me espera mais um pouco,  
mas cuméço: Chico Môco,  
Si tu vim depois vou eu.

42 — Júlio Tôrres – 05/03/2005

Nun conheci Chico Môco,  
Nun é do meu tempo não,  
Mais o sino da Estação  
Escutava muito pôco,  
Nem na Rua do Papôco  
Num escutava ninguém,  
Nem o apito do trem  
Escutava este coitado.  
Conta mais deste danado  
Qui tu conhecia bem.

43 — Tatais – 05/03/2005

Vai ter dificuldade  
Prá se falar dessa gente,  
vai sobrar prá mim somente  
pru modi de minha idade.  
Chico Mouco era cumpade  
ou irmão do Dotô Guede,  
mas o papo num pogrede  
pruqu' os dois já é difunto.  
Vamo então mudá de assunto,  
quem salembra é que pede.

44 — Júlio Tôrres – 12/03/2005

Famílias importantes são:  
Martins, Pereira, Timbó,  
Paiva, Peres, Mororó,  
Farias, Soares, Aragão...  
Nun me alembro tudo não.  
Se tu é mermo o maió,  
Tu vai desatá um nó,  
Prá muita gente e prá mim:  
Pru qui é qui os Martim  
São chamado de Mocó?

45 — Tatais – 12/03/2005

As famía s'acabou-se,  
foi-se o tempo de famía,  
o que era irmão ou fia  
mió sêsse si num fosse.  
Cês salembra do Arroz Doce?  
Nunca foi fii de Martim,  
mas dizia mermo assim:  
- Sô Mocó, sô cabiludo!  
Dito isso dixeu tudo:  
o mocó n'é pixaim!...

46 — Júlio Tôrres – 12/03/2005

Eu me alembro do arroz doce,  
Mas, do qui a mamãe fazia,  
Tu fala é de ôtra cria,  
Essa também se acabô-se,  
E agora é qui danô-se,  
Vê se isplica mió:  
Este cabra zuruó  
Nunca foi fii de Martin,  
Tinha o cabelo lizin,  
Qui nem o bicho mocó?

47 — Tatais – 13/03/2005

Arroz Doce era um cabôco  
diferente dos Martim.  
Os Mocó são mêi baixim  
e pixanha tem um pôco,  
são careca aqui no côco,  
mas, prá baxo do toitiço,  
ter mais pelo é mêi difiço,  
sêje lá cuma ele for,  
tem cabelo inté imbaxo,  
ixpricado, só os macho,  
derna os braço aos piadó.

48 — Júlio Tôrres – 19/03/2005

E pur falá in Martim,  
Qui são gente de corage,  
Das Fulô inté às Lage,  
Derna do Frade ao Cantin,  
Do Bonito ao Ipuzin,  
Tudim tem a merma lâ.  
Quando acordam de manhã,  
Vão direto pro batente.  
Mas quem foi o mais valente?  
João Martins da Jaçanã?

49 — Tatais – 19/03/2005

Inventaro a valintia,  
João Martim foi só potoca,  
era brabo só de cóca,  
prá dar tiro se isprimia.  
Nós, Martim, somo a famia  
qui é covarde iguá ninguém,  
quonde qué matá argúem,  
mermo sem nicissidade,  
arregarça logo as manga,  
chama um bando de capanga,  
toma conta da cidade.

50 — Júlio Tôrres – 31/03/2005

Dei uma pausa na poesia,  
Mais num foi priguíça não,  
Tive muita ocupação,  
Era de noite e de dia,  
Mais nun isquici de mincê,  
Eu parei tombem purquê  
Viajei – Semana Santa...  
Fui visitá a Terrinha,  
Abraçá Dona Luizinha,  
Cumê coalhada na janta.

51 — Tatais – 11/03/2005

Perdi a cavilação,  
perdi tombém o imbalo,  
num sei mais de que qui falo,  
ando triste acuma um cão,  
do jeito qui as coisa tão,  
vô entrá no tratamento,  
vão meter-me o instrumento,  
vamo vê o qui é que é bão,  
o dotô tirou a chapa,  
tô duente feito o papa,  
vô trepado no avião.